



CARLOS BURLE

PROFISSÃO: SURFISTA

EM DEPOIMENTO A ANDRÉ VIANA



PRIMEIRA PESSOA

SUMÁRIO

PARTE UM	
EU SOU UM BICHO	7
PARTE DOIS	
NO CABELO, PARAFINA	47
PARTE TRÊS	
PERNAMBUCO, BRAZIL	83
PARTE QUATRO	
SEM RUMO	113
PARTE CINCO	
"O MUNDO É NOSSO"	149
PARTE SEIS	
SURFE DE FORMIGA	189
PARTE SETE	
PROFISSÃO: SURFISTA	247
AGRADECIMENTOS	291



PARTE UM
EU SOU UM BICHO

CAPÍTULO 1

Minhas pernas estão pesadas, eu não consigo mais correr. Inspiro. Expiro. Vejo touros vindo de tudo que é lado. Estou sozinho no meio do campo, bem no ponto de convergência daquela boiada sem freios. Não tenho nenhuma chance de escapar de tamanha fúria. Estou sem fôlego, o desespero faz meu cérebro latejar. O som crescente dos sinos dos caboclinhos de Nazaré da Mata, saído de não sei onde, enche meus ouvidos de agonia.

– Carlinhos! Carlinhos! Acorda, menino!

Meu padrinho me desperta com um chacoalhão na rede.

– Levanta, Carlinhos! Anda! Já vai amanhecer!

Apesar de ser uma alma muito carinhosa comigo, nunca entendo por que ele me desperta desse jeito.

Como acontece inevitavelmente todas as madrugadas, acordo com o short do pijama ensopado. Tenho 5 anos e ainda faço xixi dormindo. Molhar a rede é rotina para mim.

Enquanto me troco, meu padrinho desce as escadas do casarão junto com minha prima Thereza, que tem muito mais facilidade de acordar do que eu.

– Estamos na varanda, Carlinhos! Não demora...

Em julho, as noites em Nazaré da Mata são geladas. Visto um agasalho, madrinha me leva ao banheiro para escovar os dentes, desço as escadas

correndo. Olho o relógio da sala, vejo que ainda não são nem 4h15 da manhã e me lembro dos touros.

Encontro meu padrinho e minha prima no alpendre da casa, ambos já em posição de aquecimento.

– Vamos lá! Abrindo os braços. Isso. Agora fecha. Inspira, expira. Abre novamente. Olhar no horizonte, encham os pulmões. E um e dois...

Enquanto sigo sonambulamente as ordens do meu padrinho, fico olhando a névoa que encobre o vale aos pés da casa, escondendo o açude e o galpão. Como é bonito aquele tecido fino de nuvem se dissipando lentamente com as primeiras luzes da manhã... Olho para meu padrinho e para Thereza, ambos de braços estendidos enquanto inspiram e expiram compenetrados, e sinto uma felicidade sem nome porque sei que ainda tenho um dia inteiro pela frente no engenho.



Durante muitos anos da minha infância, era assim que tinha início a rotina no engenho de meu padrinho, tio Nando, em Nazaré da Mata, cidade da Zona da Mata pernambucana, a 70 quilômetros do Recife. Eu sentia frio, sono, preguiça, cheiro de xixi, tinha remela no olho – mas a única sensação que consigo ter ao lembrar daqueles exercícios matinais é de prazer. Um prazer que só crescia à medida que os eventos iam se sucedendo pelo resto do dia.

A sequência era quase sempre a mesma. Tão logo terminava a sessão de exercícios, tio Nando, Thereza e eu seguíamos até a cozinha, pegávamos cada um sua caneca, deixávamos a casa e galgávamos alguns metros de encosta pelos fundos da casa até chegar à cocheira para tomar o leite cru da vaca, tirado por tio Nando ou então por Valdemar, o cocheiro oficial do engenho. Vez ou outra, eu burlava as regras e colocava escondido chocolate em pó no fundo da caneca, mas só quando eu achava que tio Nando não perceberia minha heresia.

Minha vaca preferida era a Estrela, que pertencia à madrinha Carmelita. Tio Nando dizia que a filha de Estrela era minha, mas eu sabia que ele falava a mesma coisa para todos os sobrinhos. Mesmo assim, eu não deixava de sentir orgulho de ser o falso proprietário daquela bezerra linda.

Quando fazia ele mesmo a ordenha, tio Nando tinha por hábito limpar a teta da vaca com um lencinho antes de esguichar leite nas nossas

canecas. Ele mal podia imaginar que eu dava minhas mamadas escondidas nas tetas da filha de Estrela quando ela estava solta no campo.

Meu sonho, naquele tempo, era ser bezerro. Achava bonito o jeito como o garrote dá cabeçadas de leve no peito da mãe para o leite descer. Longe da vista dos adultos, eu me colocava debaixo da filha de Estrela e dava minhas cabeçadas para ela entender que Carlinhos queria se alimentar. O leite até que descia, mas me faltava força no fundo da língua para sugar o que a natureza me ofertava.

E como eu adorava o cheiro daquela cocheira. Principalmente quando colocavam melado na ração do gado. Que perfume doce e encantado que se espalhava à nossa volta! Até onde minha memória chega, havia lá umas 20 a 30 cabeças de gado. Entre maravilhado e assombrado, eu ficava assistindo à movimentação dos bois disputando lugar para se alimentar. À noite sonhava com eles. Os bois do engenho povoariam meus sonhos até que eu chegasse à idade adulta.

O capim era moído em dois turnos: pela manhã e à tarde, sempre no mesmo horário. O som do moedor funcionava como um badalo de relógio para a gente do engenho. Eu me sentia peça indissociável daquele mundo feito de feno e bosta. Quando eu desaparecia por muitas horas, geralmente a cocheira era o primeiro lugar onde me procuravam. Não era raro me encontrarem roncando largado no cocho ou então enroscado com alguma garrotinha. A pele dos meus cotovelos era áspera de tanto que eu dava o braço para Tostão, um boi zebu cinza e muito manso, lambe. Era uma sensação prazerosa, de amizade e comunhão.

Minha identificação com os bichos devia provocar certa estranheza entre os adultos. Com meu queixo projetado para a frente, eu conseguia tocar a língua na ponta do nariz, como fazem os bois. Também sabia mexer minha orelha para espantar moscas imaginárias. Eu queria ser um bicho. Eu era um bicho. Tio Nando enxergava claramente isso em mim:

– Esse menino é terra! Esse menino é engenho!

Eu sentia o orgulho dele ao dizer isso. Como a vida não lhe deu filhos, talvez imaginasse que seria eu, dos sobrinhos, aquele que, no futuro, cuidaria dos engenhos de cana nas mãos da família dele há pelo menos três séculos. “Tu Nano”, como eu o chamava quando ainda não sabia falar direito, sempre foi um coração de bondade por trás de sua figura severa de senhor de engenho. Vestia-se invariavelmente de chapéu, botas e camisa

quadriculada por dentro da calça jeans. Era um homem inteligente – fez duas faculdades, de Química Industrial e de Engenharia Civil –, mas sua alma nunca perdeu a rudeza do campo.

Tio Nando era um cara de poucas palavras que me passava segurança, controle e muita disciplina. Todo fim de mês eu ficava com a impressão de que ele não era dono de engenho nenhum, mas sim de um banco. Quando chegava o dia de pagamento dos peões, ele se trancava no escritório, uma saleta com uma janelinha gradeada como abertura. Os funcionários do engenho faziam fila em frente ao guichê de tio Nando e iam, um a um, enfiando a mão pela janelinha e retirando dali um maço de dinheiro. Thereza e eu costumávamos nos infiltrar no fim da fila achando que tio Nando não notaria que era a gente. Quando chegava nossa vez, colocávamos nossas mãozinhas pela grade da janela, mas a única coisa que recebíamos era uma palmada carinhosa.

Ao longo da primeira década de nossas vidas, Thereza e eu frequentamos o engenho como se fôssemos filhos legítimos de tio Nando e tia Carmelita. Nas férias de janeiro e julho, a Lagoa Seca de Baixo era nosso destino certo e não havia nada que nos fizesse esperar outra coisa. Eu estudava para tirar nota boa na escola simplesmente para não correr o risco de perder um só dia no engenho. Somando o tempo que passávamos lá todo ano, dava perto de quatro meses. Tio Nando e tia Carmelita eram nossos segundos pais, e aquele universo rural era nossa segunda casa.



Quando começamos a viver o engenho, eu ainda chamava Thereza de “Leleza”. Ela é poucos anos mais velha do que eu e por isso eu vivia grudado nela. Na minha lembrança, eu batia na altura de seus joelhos. Thereza era alta, magra, olhos azuis, loira. Não dava nem para brincar que era alemã, porque ela realmente havia nascido na Alemanha, no tempo em que o pai era professor-visitante na cidade de Colônia. Tio Nando a chamava de “Perna de Muriçoca” ou então de “Macaíba”, árvore grande e espinhosa, condizente com a personalidade forte dela.

Thereza e eu fomos criados como irmãos. Eu me lembro perfeitamente da euforia que tomava conta da gente já na véspera da ida para o engenho, quando dormíamos na casa de tio Nando e tia Carmelita em Boa

Viagem para pegar a estrada no dia seguinte bem cedo. Íamos pinoteando dentro do carro, numa época em que cinto de segurança ainda era um acessório dispensável.

Minha excitação se multiplicava de forma exponencial nas férias de julho porque eu sabia que era grande a chance de encontrar um atoleiro na chegada. Eu amava a aventura. Amava avistar o rio transbordando de tão cheio, o canal alagado, o carro atolando na lama da estradinha de terra, o trator vindo para nos rebocar até a entrada do engenho e a dúvida na cara de todos: conseguiríamos mesmo subir a pé a rampa que ia dar no casarão?

Tio Nando não perdia tempo em nos aplicar, já na manhã seguinte à nossa chegada, os exercícios matinais, seguidos do leite quente e espumoso de Estrela, que Thereza e eu bebíamos com avidez infantil. Quando estávamos saciados, percebíamos que Marlene, dona Maria e Zefinha já haviam iniciado os trabalhos na cozinha do casarão. O cheiro de café e milho cozido que chegava à cozeira coincidia com os primeiros sons do louro aquecendo a voz para infernizar a vida de todos pelo resto do dia. O diabo verde vivia solto, empoleirado debaixo do telhado do corredor que nos levava ao pomar, nos fundos do casarão. Estava sempre bufando, bravo, andando de um lado para outro, as penas da cabeça sempre arrepiadas, as pupilas contraídas de raiva. O pessoal dizia que ele era capaz de arrancar uma orelha em pleno voo, o que só fazia aumentar meu pavor dele.

Thereza e eu passávamos longe do louro para retornar à casa e encontrar madrinha Carmelita à nossa espera para o café da manhã. A mesa posta era uma fartura só: inhame, macaxeira, cuscuz, tudo macio e fumegante. Além disso, ovos mexidos com salsicha, milho, leite, suco e frutas, muitas e das mais variadas – manga, goiaba, sapoti, tudo colhido do pomar. Também era de lei ter à mesa uma jarra de água de coco fresco, que o pessoal tirava do pé subindo apenas com o apoio da planta dos pés e uma corda para puxar o cacho com precisão.

A essa altura, todos os primos – Thereza, eu, Antônio, Neném, Zé Miguel – já estávamos ruidosamente à mesa nos fartando de comer sob a supervisão maternal de madrinha. Com a barriga estufada de leite de Estrela e macaxeira com ovo mexido, eu aproveitava o momento em que o pessoal discutia como seria a sequência do dia para deslizar discretamente da mesa e correr direto para minha goiabeira querida. Era ali meu

banheiro privativo, onde eu subia e aliviava meu intestino entre folhas e brisa, devolvendo à terra tudo o que ela havia me dado com generosidade.

A natureza do engenho estimulava uma liberdade maravilhosa em nós, crianças. Em dias de calor, costumávamos ir depois do café da manhã diretamente para a “solta”, como chamávamos o vale próximo ao casarão por onde passava um riacho. No período das águas, em julho, quando o riacho se espalhava pelas várzeas, eu e meus primos fazíamos barragem em parte do leito. Quando a água secava, os peixes ficavam presos. Aí era só colher um a um com o jereré e levar para Marlene cozinhar: traíra, muçum, piaba, cará e até camarão e pitu.

Certa vez, Thereza e eu pegamos tantos muçuns, uma enguia de água doce, que não houve balde que desse conta da quantidade. Tivemos a ideia de guardá-los na caixa-d’água da casa. Não demorou para que a água da torneira começasse a sair com um cheiro estranho. Quando tio Nando foi investigar o que podia estar acontecendo, encontrou um emaranhado dos bichos deslizando no fundo preto do tanque. A bronca não foi pequena.

Em outra ocasião, resolvemos levar muçuns para dona Lurdes cozinhar. Dona Lurdes aproveitou para nos dar uma aula de culinária:

– Primeiro, precisa amaciar bem a carne, assim...

Ela pegou então um muçum pelo rabo e começou a chicoteá-lo com violência numa tábua de madeira. Thereza e eu ficamos acuados diante da cena insólita. Depois de descamado, o bicho, que era preto, tornou-se azulado. Ficou visível a nossa cara de arrependimento, principalmente após provar o famoso prato.

Dos funcionários do engenho, eu tinha um apreço especial por Valdemar, que, na minha pronúncia infantil, era o “Valdebar”. Era com ele, e só com ele, que eu arrancava meus dentes. Madrinha me levava na cocheira, e Valdemar aparecia sorrindo e enfiava seus dedos de alicate na minha boca. Não era raro eu almoçar e jantar na cocheira só para poder passar o maior tempo possível com ele e os outros funcionários do engenho.

– Eu só gosto de comida de pobre! – dizia eu a madrinha.

Apesar de me comportar como o sobrinho mimado do patrão, isso era tudo o que eu não queria ser. Eu queria ser como o Valdemar, ser um deles. Tudo o que os funcionários do engenho faziam, eu imitava. Eu não dizia “vermelho”, por exemplo, mas “vermei”. Descascava cana com os dentes porque era assim que eles faziam. Pegava cobra na mão como eles:

prendia a cabeça da bicha no chão com um pedaço de pau, para não ser picado, segurava com dois dedos pela cabeça e ficava com ela enroscada no braço.

E como esquecer o dia em que ganhei uma peixeira de meu padrinho? Eu devia ter uns 8 anos. Uma peixeira com bainha, meu Deus! Finalmente eu tinha virado homem. “Daqui a pouco, já posso ser coronel”, pensei, esquecendo por alguns instantes que meu sonho era ser peão. A peixeira logo virou extensão do meu braço. Eu via os caboclos amolando as peixeiras na pedra na beira do açude e queria fazer igual. Ia pescar, ia brincar com os meninos que moravam no engenho – e a peixeira sempre ali comigo, minha companheira de todas as aventuras. Aonde quer que eu fosse, ela estava junto, me ajudando a desbravar florestas virgens e infinitas e a vencer jaguatiricas gigantes e sanguinárias. Até na hora de dormir lá estava ela, dividindo o travesseiro comigo.

Mas, então, um dia cochilei na rede e, quando acordei, que surpresa, a peixeira estava sem ponta! Traição. Chorei, esperneeiei, gritei durante dias:

– Quem tirou a ponta da minha peixeira?

Quem, que alma perversa havia me rebaixado novamente à condição infantil? Até hoje não sei quem fez aquilo – madrinha talvez, com medo de eu me machucar. Ninguém viu, ninguém sabe, ninguém lembra.

Foi difícil me recuperar do golpe. Sorte que, para me distrair, havia as histórias de assombração que seu Biu nos contava antes do jantar. A narração acontecia sempre no cair da tarde, na frente do casarão, com todas as crianças sentadas ao seu redor. Eram histórias de “arma do outro mundo”, como ele dizia, pitando seu cachimbinho de preto velho. Quando queria fazer suspense, ele dava umas batidinhas na madeira com a mão fechada e dizia:

– Vou puxar pela memória...

A história que mais me arrepiava o couro cabeludo era a da comadre Florzinha, que corria atrás das crianças que ficavam zanzando pela floresta. Por causa de comadre Florzinha, Thereza e eu sempre íamos pegar manga na mata agarrados um no outro. Sábio na sua simplicidade, seu Biu era um homem tão franzino quanto tranquilo, respeitador, discreto e fiel aos patrões. Quando ia falar com Tio Nando ou madrinha, sempre tirava o chapéu de palha da cabeça, em sinal de respeito. Chamava madrinha de “patoa” ou de “dona Carrelita”. Eu adorava conversar com ele enquanto tirávamos sapoti do pé.

Nós, crianças, vivíamos na barra da saia de Marlene pedindo comida. Todo dia, era ela a responsável pelos lanches do meio da manhã e do meio da tarde. O da tarde era o mais aguardado, pois era quando saíam as guloseimas mais desejadas: pastel Lolita recheado de goiabada, pudim de Leite Moça, rabanada (que chamávamos de fatia dourada). Do pomar, ouvíamos madrinha chamar a mim e a Thereza:

– Hora do lanche!

De tanto ouvir madrinha, o louro safado acabou aprendendo a chamada do lanche. Ele imitava a voz dela à perfeição. Vez ou outra, saíamos correndo para lanchar e descobríamos que a mesa ainda não estava pronta. Era quase possível ver o louro rindo da cara da gente.

Outra saia na qual vivíamos grudados era a de Finha, contratada por madrinha para supervisionar as crianças. Ela estava com 18 anos na época, mas ainda preservava uma leveza infantil no olhar e no trato com a gente. Geralmente, era Finha quem nos levava ao açude – ela era tão cuidadosa comigo que, em época de enchente, me carregava no colo, no meio do lamaçal, mesmo que eu estivesse usando minhas botas Sete Léguas. E como se divertia fazendo esquibunda na chuva com a gente, na descida em frente ao casarão, quase sempre deslizando com as calças direto na lama, para desespero de Marlene, que teria que lavar tudo na munheca mais tarde.

Esse era o núcleo, digamos, inocente do engenho. Porque havia um outro, do qual passei a fazer parte lá pelos 6 ou 7 anos, que contava com os filhos dos funcionários do engenho, em especial os irmãos Carlinhos e Marquinhos, filhos de dona Lurdes e seu Henrique, o administrador da fazenda. A família morava na “vila”, a antiga casa-grande do engenho, um casarão amarelo com uma escadaria secular. Era ali que os garotos se sentavam para falar de sacanagem, quase sempre conduzidos pelo Loro, que tinha pelo menos o dobro da nossa idade.

Loro era o responsável pelo pão nosso de cada dia no engenho. De domingo a domingo, em algum momento do início da manhã ou do fim da tarde, ele despontava na estradinha que vinha da cidade com duas sacolas grandes de pão fresco nas mãos. Quem mais tocava fogo na nossa infância era o responsável pela comunhão do pão no engenho. Longe da vista dos adultos, Loro ensinava a mim e aos outros meninos a lidar com as comichões da vida.

A antiga senzala do engenho havia se transformado em um imenso galpão onde se armazenavam sacos de adubo, fertilizante e material do trato diário com a cana. Ainda é possível ver o lugar exato onde os escravos moíam a cana com a força dos braços e os tachos onde produziam melado, que é feito até hoje – certa vez, Thereza e eu encontramos por lá antigas correntes e tornozeleiras dos tempos da escravidão. Era ali, na antiga senzala, que o gado costumava descansar no fim da tarde. Todo mundo sabia que Loro gostava de ir sarrar as vacas. Um dia, quando eu tinha meus 7 ou 8 anos, passei por lá e o surpreendi cutucando o útero de uma vaca com um pedaço de pau. Assim que me viu, Loro abriu um sorriso e perguntou em tom de desafio:

– Quer ver o que eu vou fazer agora?

Em seguida, Loro baixou a calça e começou a fazer o mesmo que a gente via o touro fazer quando cobria a vaca.

– Vai, Carlinhos! Vem cá agora! Faz, faz assim, ó!

Ensaiei timidamente com o pedaço de madeira que Loro segurava, mas não tive coragem de encostar meu corpo no da inocente vaca, mais por pudor do que por repulsa. Aquele mundo de lubricidade selvagem era algo que me atraía. Sempre enxerguei o sexo dos animais com encantamento. Eu me deliciava observando a aproximação do touro no cio, o jeito como ele aponta o focinho para o céu depois de cheirar o sexo da parceira. “Um dia vou fazer igual”, eu pensava.

Loro orquestrava também as masturbações coletivas, mas os troca-trocas dos quais eu participava ficavam mesmo a cargo do Marquinhos, o mais novo da turma. Eu e ele mal sabíamos o que fazer. Trancados no quarto das crianças no casarão, abaixávamos as calças e ficávamos nos esfregando um na bunda do outro de modo quase puritano.

Eu não tinha limites para nada. Meus sentimentos eram absolutamente abertos e vazios de preconceito. Eu só queria aproveitar a vida do jeito mais emocionante possível. Sempre fui um menino “treloso”, como dizem em Pernambuco: é uma definição que me acompanha desde pequeno. Agia sempre por impulso, um tanto ingênuo e inconsequente. Não havia maldade nos meus atos. O que eu tinha era energia para ser gasta, e poucos medos. Essa combinação devia dar trabalho para os adultos. Eu vivia correndo de um lado para outro, completamente livre, inventando trelas. Se Thereza e eu estivéssemos brincando na goiabeira, eu achava pouco:

– Agora, vamos subir no pé de juá!

O juazeiro é cheio de espinhos, o que deixava tudo mais emocionante. Thereza sempre saía machucada das aventuras que eu inventava. Certa vez, passei voando por uma cerca viva de avelós, planta do sertão com uma seiva corrosiva:

– Corre, meu Deus, que Carlinhos vai ficar cego! – gritaram.

Com toda a calma, madrinha ficou derramando leite de cabra nos meus olhos para anular o efeito do ácido. Eu adorava deitar no colo quente de tia Carmelita enquanto ela tirava lêndeas e piolhos da minha cabeça. Ela me chamava para o balanço no alpendre do casarão e eu adormecia em seu colo sentindo o cheiro de óleo de coco queimado que dona Maria esquentava para ela passar nos meus cabelos. O tec-tec das suas unhas exterminando as lêndeas uma a uma era um sonífero para mim.

Que sonho de pessoa é madrinha, como eu me sinto amado por ela... Tia Carmelita parecia uma anjinha encarnada na Terra, de uma delicadeza e doçura incríveis. Seu tom de voz só alcança os decibéis dos seres humanos normais quando ela se estressa. Desde aquela época, ela e meu padrinho me tratam como o filho que não puderam ter. Certa vez, minha madrinha chegou a falar com mamãe sobre isso: se minha mãe quisesse ou permitisse, ela poderia me adotar.

– É lógico que eu não vou fazer isso com você nem com o Carlinhos – respondeu mamãe à irmã. – Todo mundo pode viver junto sem precisar de rompimentos de um lado ou de outro.

Sábia mamãe. Desse modo, tudo sempre ficou aberto e às claras entre nós. Eu não tinha vergonha de me sentir filho de madrinha e padrinho enquanto estava no engenho e ficava triste quando via o fim das férias se aproximar, já começando a contar os meses que faltavam para as férias seguintes.

Hoje em dia eu me pergunto como seria minha vida se mamãe tivesse me dado para madrinha. Será que eu teria dado desgosto a ela? Será que teria me tornado um senhorzinho de engenho, daqueles com a pança caindo sobre a calça jeans? É lógico que eu gostaria de ser filho de madrinha, e hoje posso dizer que também sou filho de tia Carmelita. Tenho duas mães: foi o que sempre ouvi em casa.

CAPÍTULO 2

Susana sempre foi uma alma esclarecida, a personificação da menina nascida em berço de ouro. Teve uma educação moldada em aulas de piano, balé e, sobretudo, nas estantes de livros que recheavam a biblioteca do meu avô. No rigoroso Santa Maria, tradicional colégio católico de Boa Viagem onde passou toda a vida escolar, mamãe era sempre a que ostentava as melhores notas.

Na adolescência, citava Machado de Assis, Guimarães Rosa e Tolstói (tinha uma leve preferência pelo autor de *Guerra e paz* e seus contemporâneos) com a mesma desenvoltura e naturalidade com que praticava esportes. Sua estatura mediana – 1,67 metro – e suas pernas longas a ajudaram a se destacar em várias modalidades: esqui aquático, atletismo, salto com vara, salto a distância. Seu esporte favorito, porém, sempre foi o vôlei. Fez até parte da seleção pernambucana na posição de pivô.

Foi justamente numa partida de vôlei que Susana chamou a atenção de Carlos pela primeira vez. Ambos tinham 14 anos, moravam em Boa Viagem e pertenciam à mesma turma de jovens de classe média alta que se encontrava em serenatas, festas de fim de semana ou na quadra de chão batido do Clube Querência, no início da rua Barão de Souza Leão. Logo deram início às primeiras conversas e aos primeiros flertes. Certo dia, Carlos – que nunca perdeu tempo nessa seara, com ou sem namorada

oficial (na época, *com* namorada) – convidou Susana para assistir às partidas de vôlei de um torneio estadual interescolar.

Parecia a ocasião ideal para estreitarem a amizade. Acontece que Carlos era ciumento. As arquibancadas do campeonato borbulhavam de hormônios juvenis e, com Susana bonita do jeito que era, ele tratou logo de inventar uma desculpa para que parassem de ir aos jogos. Ou pelo menos para que *ela* parasse, pois, como Susana descobriria tempos depois por uma amiga, Carlos continuava indo ao clube – e nunca desacompanhado. Se pelo menos ela pudesse usar uma bola de vôlei de cristal para vislumbrar que a vida com meu pai seria um perpétuo jogo de mentirinhas e hipocrisias, talvez tivesse sofrido menos.

Com a inocência e o romantismo próprios da idade, o namoro seguiu o percurso natural. A grande conexão entre eles era o esporte. Jogavam vôlei juntos, nadavam juntos, praticavam esqui aquático como dois apaixonados num filme tropical de Elvis Presley. Carlos contava com um componente masculino infalível naqueles anos 1950 e 1960: era fanático por automobilismo. Susana o acompanhava nesses eventos, claramente hipnotizada pelo farolete de seus olhos verdes.

A maior diferença entre eles estava nos livros. Os prazeres de Carlos passavam longe dos estudos. A consequência disso foi ter começado a trabalhar cedo, empurrado pelo pai. O que sempre ouvi foi que, enquanto minha mãe concluía os estudos, meu pai trabalhava numa fábrica de gelo para pesca em alto-mar.

Ainda que a dedicação de Susana aos livros não tenha sucumbido à paixão, ela foi naturalmente abandonando hobbies da vida inteira para ter mais tempo disponível para ele: primeiro o vôlei, depois o balé, mais tarde o piano. Com o passar dos anos o namoro foi ficando mais sério, até o ponto em que os pais de Susana começaram a ficar preocupados com a possibilidade de um casamento precoce entre sua filha e aquele rapaz sem diploma. Enquanto a família de meu pai era católica, conservadora e tradicional (todo domingo minha avó Lila, mãe dele, levava os netos, inclusive eu, para a igreja, quisessem eles ou não), a família de mamãe era espírita, mais liberal e livre dos dogmas católicos. Essa liberdade e esse progressismo, porém, não bastaram para que meus avós maternos vissem com bons olhos aquele relacionamento que parecia avançar de forma desenfreada.

Uma luz de esperança acendeu quando a irmã mais velha da minha mãe, Solange, anunciou que estava de mudança para a Alemanha. O marido dela, tio Cláudio, havia sido convidado para ser professor-visitante na Faculdade de Direito da Universidade de Colônia e ela o acompanharia junto com os filhos, meus primos. Susana tinha 18 anos e havia acabado de concluir o pedagógico, equivalente ao atual ensino médio. Para meus avós, mandar a filha morar na Alemanha com a irmã pareceu uma excelente maneira de promover uma separação sem traumas: Susana viveria um tempo com Solange e a família e assim que a poeira da paixão baixasse voltaria para fazer a sonhada faculdade de Enfermagem.

Poucos dias antes de Susana embarcar, Carlos fez uma visita à casa dela acompanhado dos pais. O motivo: colocar oficialmente um anel de noivado no dedo da viajante. Com um noivo à sua espera no Brasil e lhe enviando cartas e mais cartas perfumadas com promessas, Susana ainda conseguiu morar cerca de um ano e meio em Colônia com a irmã e o cunhado. Em casa, ela fazia as vezes de empregada e babá de meus primos, Zé Miguel e Antônio, enquanto tia Solange, grávida, se preparava para a chegada de Thereza. Nas horas vagas durante a semana, frequentava como ouvinte um curso de línguas romanas ministrado na faculdade por uma baiana chamada Norma, amiga de tia Solange. Dizem que as festas que Norma promovia nos fins de semana em sua casa eram de arrebentar a sandália.

No verão, o programa predileto de Susana era ir com os sobrinhos ao Parque Beethoven assistir a concertos de música clássica ao ar livre. Ela se deliciava sentada na grama enquanto ouvia a Filarmônica de Colônia tocar composições de Beethoven, Mozart, Liszt. Certo dia, tocaram “Brasileirinho”, de Waldir Azevedo, e ela se derreteu em lágrimas com saudade do Brasil.

Voltou em dezembro de 1964 com a cabeça direcionada para a faculdade de Enfermagem que estava prestes a começar. Foi quando Carlos apareceu com a proposta de marcar o casamento para julho do ano seguinte. Para desespero dos pais e rendida por uma paixão que não esfriou com a distância, Susana não se importou em trocar os estudos pela possibilidade de levar uma vida no campo, cuidando de galinhas, coelhos e patos.

O sonho não se desfez nem mesmo quando Susana descobriu que, enquanto rabiscava cartas fervorosas para ela, Carlos namorava uma prima

dela chamada Maria da Penha. Quem desfez o mal-entendido foi a própria Maria da Penha:

– Peraí! Você é o Burle que é noivo da minha prima Susana?

O escândalo foi abafado e a saia justa ficou por isso mesmo.

Certo dia, até o pai do próprio Carlos chegou ao pé do ouvido de Susana e tentou fazê-la desistir da ideia:

– Minha querida, você é uma mulher inteligente, madura, equilibrada... Tem certeza de que quer mesmo se casar com meu filho?

– Por que essa pergunta? – perguntou mamãe, assustada.

– Carlos é tão imaturo, não sabe o que quer da vida...

Meus pais se casaram no dia 16 de junho de 1965. Para Susana, a grande lembrança desse dia foi o porre de conhaque que tomou para amenizar o nervosismo.

Na época, papai tinha uma granja de médio porte, toda automatizada, que fornecia galinhas para a rede de supermercados Bom Preço. O ambiente da granja era acolhedor e minha mãe se sentia feliz e realizada. A casa em que moravam não tinha nenhum luxo, mas era espaçosa, tanto por dentro quanto por fora: um gramado e uma varanda consideráveis na frente, dois quartos grandes e confortáveis, um quarto de empregada e uma área de serviço como não se faz mais hoje em dia. Nos fundos do terreno havia um olho-d'água com um tanque de lavar roupa feito de pedrinhas. Da horta saíam os legumes e as frutas que preenchiam a mesa, sem necessidade de complemento na feira. O dia a dia não tinha muita variação: enquanto papai supervisionava o funcionamento da granja com ajuda dos funcionários, mamãe se distraía lendo na varanda ou diluindo seus pensamentos no pequeno tanque de peixes.

Durante um bom tempo, Susana evitou engravidar, para poder curtir a vida a dois. Tinha tanto receio de topiar com uma camisinha furada que assoprava uma a uma antes de usar. Papai odiava camisinha. E ela passava muito mal com o único anticoncepcional que existia na época, o Primovlar. Combinaram que alternariam os métodos a cada três meses. Esgotado o período contraceptivo do casal depois de quase dois anos de diversão, Susana engravidou. A gestação correu sem sustos do início ao fim. Mamãe sempre contava que quase nasci no Dia de Finados. Ela chegou a ir ao hospital sentindo contrações, mas, por falta de dilatação, foi mandada de volta para casa. Por fim, uma semana mais tarde, mais

precisamente no dia 9 de novembro de 1967, nasci – o que faz de mim um legítimo filho do Carnaval pernambucano, já que nesse ano as comemorações caíram na primeira semana de fevereiro.

Como mamãe não se opôs à vontade de meu pai de seguir a linhagem dos Burle, ganhei o nome dele, que era o mesmo de meu bisavô.

Foi assim que me tornei Carlos Alberto Burle Filho.



Minhas primeiras lembranças vêm dessa granja que foi meu primeiro lar. Guardo uma imagem nítida de meu pai calçado com botas, alimentando as galinhas. E do gramado em frente à casa, no qual minha babá estendia um pano para brincar comigo à sombra dos jambeiros cujas flores coloriam o gramado de rosa na primavera. Também guardo viva na memória uma cena das galinhas de pescoço cortado, penduradas de cabeça para baixo. Mamãe, claro, não gostava que eu visse coisas assim, mas não impediu que eu presenciasse a primeira cena realmente chocante da minha vida: dois cães cruzando e o administrador da granja, seu José, às gargalhadas, jogando água fria neles para ver se desengatavam.

Até meu segundo ano de vida, tive um sono agitado – trocava a noite pelo dia e vivia com fome. Passava o dia sugando o peito de minha mãe, mas não me saciava. Depois de dois anos cultivando as olheiras, ela finalmente resolveu me levar ao Dr. Flávio Campos, pediatra da família Burle, para saber o que estava acontecendo comigo. A receita dele para me acalmar foi simples: banhos de mar.

Foi para tentar melhorar meu sono que passamos a frequentar a praia do Cupe, em Porto de Galinhas. Fizemos isso por alguns anos, já que meus pais eram amigos – e mais tarde se tornariam vizinhos, no Recife – da família Zonari Brito, à época dona de uma faixa extensa de terra à beira-mar.

Foi na nossa primeira temporada no Cupe que mamãe contratou uma babá para ajudá-la a cuidar de mim. Lindinalva, que sempre chamamos de Baia, tinha 14 anos quando entrou para a família. Baia chegou na minha vida quando eu estava aprendendo a falar e ficaria com a gente até minha irmã Bebel se casar. Mesmo depois de sair de nossa casa, nunca deixou de estar por perto. Ainda hoje encontro com minha Baia querida quando vou ao Recife.

Quando começou a trabalhar para a gente, era ela quem me dava os banhos de mar receitados pelo Dr. Flávio. Aconteciam basicamente duas vezes por dia: às 8 da manhã e às 4 da tarde. Parece que o mar não acalmou meu sono do jeito que todos esperavam, mas minha história de vida não nega a relação que mantive com a água desde então.

A chegada de minha irmã Bebel, em 1971 – pouco antes do meu quarto aniversário –, levaria meus pais a se mobilizarem por um espaço maior. A mudança nos levou para uma casa na rua Aureliana Meira Lins, em Boa Viagem, onde ficaríamos por cerca de três anos. O tempo em que morei na casa da Meira Lins foi importante, de relações intensas com as crianças da vizinhança, composta basicamente de parentes nossos. Em uma das casas coladas à nossa morava um primo de minha mãe, tio Rui, casado com tia Rosa. Eles tinham dois filhos: Sérgio e Claudinho. Um pouco mais velho que eu, Claudinho era quem tomava conta de mim quando estávamos na rua. Se eu não estava com ele, meu campo de treinamento era a piscina gigante no quintal da casa de tio Edu e tia Ana, os Zonari Brito, donos da fazenda na praia do Cupe, onde dei meus primeiros mergulhos medicinais, e pais de meu grande amigo Olde e sua irmã Cristiana – Oldinho e Kiki para os íntimos.

Meu cabelo, nessa época, não era loiro, mas verde, de tanto cloro. Eu era craque em cruzar a piscina debaixo d'água. Me chamavam de Aquaman, e eu sentia orgulho de ser comparado ao super-herói. Mas o Aquaman tinha um ponto fraco: fazia xixi na cama à noite. Quando eu dormia na casa de Oldinho, tio Edu e tia Ana não podiam descobrir a vulnerabilidade do herói, então o jeito era colocar o lençol de manhã cedinho na frente do ventilador para fazer o xixi secar antes de todos acordarem. Para minha sorte, Oldinho também sofria de incontinência. Aquele era nosso segredo compartilhado.

Outra brincadeira recorrente era de teatro e cinema, na certa estimulada pelo fato de tio Edu ser dono de uma sala de cinema no centro da cidade, onde sempre íamos assistir às *premières*. Um dia, Kiki espontaneamente resolveu protagonizar comigo uma cena de filme:

– Cacá, quando você crescer, promete que vai casar comigo?

Fiquei com medo de me comprometer ali, então dei uma de filme mudo. Romances ainda não eram a minha. Meu negócio era atuar em cenas de aventura ao lado de Oldinho. Com seu nariz cheio de sardas e suas

orelhas de abano, Oldinho era um menino tão intenso quanto eu. Nas brincadeiras de polícia e ladrão, pega-pega e esconde-esconde com os outros garotos da rua, procurávamos sempre os superlativos: competíamos para ver quem pulava da maior altura, quem subia na árvore mais alta, quem ficava mais tempo escondido.

Kiki, Oldinho e eu estudávamos no mesmo colégio que minha mãe havia frequentado na infância, o Santa Maria. Eu era do mesmo ano de Oldinho, mas éramos de turmas diferentes porque a divisão das classes era feita pela primeira letra do nome. A companhia nas idas e voltas para casa, no entanto, estava garantida. Além disso, aproveitávamos o recreio para brincar mais um pouco.

Oldinho e eu planejávamos milhões de aventuras e éramos dois sonhadores. Um dia, Kiki chegou no meio de uma conversa séria que ele e eu estávamos tendo. O assunto era nossa ida ao espaço num foguete. Planejávamos os detalhes dos trajes espaciais, o que levaríamos de comida, quem seria o piloto e o copiloto. Havia mais um menino na roda que insistia em fazer parte da expedição:

– Eu também quero ir! Eu também quero ir!

– Só tem lugar pra dois no foguete – respondia Oldinho, arregalando os imensos olhos verdes.

Só Oldinho e eu iríamos para o espaço, e a Nasa que se virasse com os outros que quisessem.



Eu tinha uns 6 anos quando meus pais compraram um apartamento no edifício Santa Marta, prédio da rua Mamanguape numa área nobre de Boa Viagem, a meio caminho entre o Colégio Santa Maria e a praia.

Uma das minhas boas lembranças da época é o pé de jamelão gigante na frente do prédio. Tudo era motivo para trepar em seus galhos: a espera pelo ônibus escolar, o passatempo antes do almoço, a brincadeira do fim do dia. O “pé de azeitona-preta”, como eu o chamava, era meu abrigo, meu esconderijo do mundo. Eu era campeão em escalar árvore: ninguém chegava no galho mais alto mais rápido que eu. Uma época, construí uma casinha na copa para mim e para Cibele, a cadelinha pug que havíamos ganhado de presente de tia Ana, mãe de Oldinho e Kiki.

Além de ser a única criatura que conseguia subir comigo no pé de jame-lão, Cibele foi o animal mais incrível que conheci na vida. Era praticamente uma pessoa encarnada num cão: olhava para ver se vinha carro antes de atravessar a rua, fazia xixi no banheiro, me acompanhava em tudo que era lugar, sempre sem coleira. Enganchada à vontade num galho, Cibele comia os jameões sem se preocupar em cuspir o caroço, que depois expelia. Viria a morrer tristemente no engenho anos mais tarde, envenenada por agrotóxico.

Nunca vou esquecer Cibele e o pé de azeitona-preta, mas o tempo que morei no edifício Santa Marta foi marcado também, ou principalmente, pelas brigas dentro de casa – tanto as de meus pais quanto as minhas com Bebel, que aos 3 anos já começava a sofrer as maldades do irmão mais velho. Meu esporte favorito era infernizar Bebel. Graças a ela, desenvolvi um beliscão fino e poderoso chamado “pata de caranguejo”. Chutes debaixo da mesa, na hora de comer, eram tão inevitáveis quanto o feijão com arroz nos nossos pratos. Eu chamava minha irmã de manteiga derretida, de tanta manha que fazia quando eu mexia com ela. O medo que Bebel sentia de mim era tão grande que eu nem precisava me dar ao trabalho de encostar nela. Bastava eu mostrar a língua para ela abrir o berreiro.

Eu adorava acionar o botãozinho do choro de Bebel. Adorava tocar fogo nas bonecas dela. Quando queria fazer isso, chegava todo amoroso para ela e perguntava:

– Bebel, vamos brincar de casinha?

Ela, inocente, sorria e aceitava, abrindo caminho para que eu incendiasse tudo. Um dos sinais de que eu estava passando do ponto era quando mamãe me repreendia por extenso:

– Carlos Alberto Burle Filho!

Baia, que cuidava da gente durante a semana, também saía do sério por causa das minhas brigas com Bebel.

Nessa época do Santa Marta, mamãe já não era mais a dona de casa que dedicava a vida aos filhos enquanto o marido se perdia em outras curvas a bordo de seus carros de corrida. Trabalhava como enfermeira em três empregos que a tiravam da cama antes das 5 da manhã e a devolviam imprestável depois das 7 da noite, quando Bebel e eu já estávamos indo para a cama. Desde que mamãe anunciou que queria voltar a fazer faculdade, meu pai sempre se declarou contra. Mas ela se manteve firme:

– Eu vou ser enfermeira! – dizia.

Essa força de vontade vinha de uma desconfiança antiga que foi se solidificando ao longo dos anos. Quando estava grávida de Bebel, minha mãe descobriu que o marido tinha outra – era já Márcia, que anos mais tarde se tornaria minha madrastra. Desde essa época, portanto, mamãe havia resolvido não depender financeiramente de meu pai, que a cada dia se distanciava mais de casa.

Durante o período em que mamãe cursou faculdade – e mais tarde, já trabalhando intensamente como enfermeira –, Baia acabou se tornando uma figura materna na minha vida e na de Bebel. Era ela quem nos ajudava com a lição de casa, nos dava comida, nos levava para a escola, nos colocava para dormir. Certo dia, eu estava implicando tanto com Bebel que o único jeito que Baia encontrou de me tirar do transe foi dando com um cabo de vassoura na minha cabeça. Eu sentia ciúme por achar que Baia gostava mais da minha irmã do que de mim, mas hoje entendo que Bebel era vulnerável e precisava ser protegida das minhas maldades.

Não devia ser fácil me domesticar. Numa simples brincadeira eu era capaz de incendiar a casa inteira, como quase aconteceu uma vez. A ideia me pareceu divertida e relativamente simples de ser executada. Consistia em:

1. Pegar um pouco da espuma que preenche o buraco do ar-condicionado.
2. Amarrar num barbante.
3. Acender um fósforo e colocar fogo nela.
4. Usar o barbante para girar a espuma no ar, como se fosse um helicóptero de fogo.

Tudo isso no quarto de Bebel. Minha invenção acabou salpicando pequenas labaredas de espuma inflamável pelas paredes e pelo carpete, que ficou todo furado. Entrei em desespero, calculei um castigo pesado. Felizmente, a única coisa que ouvi de minha mãe foi:

– Não se preocupe, meu amor, mamãe não ficou chateada. O importante é que ninguém se feriu...

Nada como a culpa materna para nos livrar de um castigo merecido.



Quando chegou à idade de ir para a escola, Bebel foi estudar no Santa Maria comigo. Lembro de nós dois a pé, a caminho da escola, de mochila nas costas, levados por Baía. A essa altura, a rebeldia que me revolia por dentro também já havia contaminado minha relação com a escola. Com 8 anos, eu não suportava mais as regras de lá, como a que separava os banheiros de meninos e meninas. Odiava aquele sistema católico, odiava aquele cotidiano careta e engomado do Santa Maria, feito de unhas e cabelos bem aparadinhos. Eu enxergava a diretora como o diabo encarnado em forma de freira. Maria das Dores. O nome não podia ser mais adequado ao que ela proporcionava aos alunos que saíam da linha: todos morriamos de medo de ir parar na sala dela, por isso nos comportávamos como anjinhos.

Eu me sentia um estranho naquele ambiente, talvez porque fosse apenas mais uma entre tantas outras crianças. Esse, no fundo, era meu problema com a escola. No Santa Maria, estava longe de ser o reizinho que era no engenho. Só estudava para passar de ano e não perder a chance de ir para o engenho nas férias. Quando estava no colégio rezando ou cantando o hino à bandeira – duas obrigações constantes –, o que eu queria mesmo era sair correndo pelos campos com Thereza.

Quando eu tinha uns 7 anos, deixamos o edifício Santa Marta para morar por um tempo numa casa alugada. Só mais tarde eu entenderia que a mudança tinha a ver com um lento e longo processo de separação que havia se iniciado entre meus pais. A casa alugada pertencia a uma amiga deles chamada Eliane, por isso sempre foi conhecida como “a casa de Eliane”. Era uma construção térrea, branca, de janelas azuis, com um quintal nos fundos e um jardim gostoso na frente. Ficava perto de um terreno baldio em Boa Viagem no qual mais tarde seria construído o Shopping Recife. Eu adorava brincar de fazenda no quintal da frente – criava caminhos na terra e conduzia caminhõezinhos de madeira carregados de mantimentos.

Aos poucos, o mundo ao redor da casa também foi se expandindo. Do outro lado da rua havia um mangue imenso pulsando de vida. Graças a meu know-how no engenho, eu conhecia muitos sons da natureza. Vivia antenado a tudo o que acontecia com os habitantes do mangue. Só de escutar o chiado de dor da vítima, por exemplo, eu sabia quando a cobra havia abocanhado um sapo. Eu saltava de onde estivesse e me embrenha-

va no mangue seguindo o som do sapo só para ver a luta ou vingar o pobre anfíbio, matando a cobra com o estilingue, que eu mesmo fabricava. Quando empunhava minha arma, não sobrava um para contar a história. Minha especialidade era derrubar anus-pretos no galho, mas eu também não ficava atrás na caça com alçapão.

Meu quarto era um criadouro da vida selvagem de Boa Viagem. Era assim que eu exercitava o desejo de me tornar veterinário. Adorava criar formigas em aquário. Primeiro eu o enchia com areia, depois o colocava dentro de uma bacia com água, transformando-o numa ilha. As formigas não tinham como escapar daquela pequena Alcatraz, então começavam a se reproduzir lá dentro. Eu passava horas com o nariz grudado no vidro do aquário, assistindo maravilhado à formação daquela minúscula sociedade.

Quem não gostava da minha vocação para Noé era mamãe. Certa vez, guardei uma cobra no tanque da área de serviço enquanto resolvia o que fazer com ela. Mamãe ficou possessa:

– Eu não acredito! Carlinhos botou uma cobra no tanque de lavar roupa!

Eu mesmo fabricava as armadilhas de guaiamum, que a gente chamava de “engenhoca de ratoeira”. As minhas geralmente eram feitas com lata de óleo Soya retangulares, de 1 litro. Eu tinha em casa um caritó, uma gaiola imensa para a criação de caranguejos. Para engordá-los, dava restos de comida, farelo de pão e frutas. Eles se alimentavam e, quando chegavam ao peso ideal, Baia os cozinhava no fim de semana.

Um dia, peguei o maior guaiamum que eu já tinha visto na vida. Comecei a me preparar para as entrevistas, as câmeras, a fama. Meu nome finalmente entraria para o *Guinness*. Coloquei o bicho no caritó e comecei a alimentá-lo para ver se crescia mais um pouco. Não queria que virasse pirão antes de o mundo descobrir aquele tesouro. Mas, certa manhã, acordei, fui ver como ele estava e... Cadê? Meu guaiamum gigante tinha desaparecido.

– Roubaram meu guaiamum! Foi o pintor, certeza! – reclamei com mamãe.

Na época, a casa estava passando por uma pequena reforma. Ela não deu muita atenção à minha queixa:

– Que guaiamum, meu filho? Seu caritó tá cheio de guaiamum!

Até hoje não sei o que houve com meu guaiamum master. Por sorte, minha arca tinha outros caranguejos que me fizeram esquecer o infortúnio.

Eu também cultivava peixes-beta que pescava no mangue. Adorava ver a fêmea depositar os ovos no fundo do aquário para o macho fecundá-los. E adorava ainda mais a vocação do peixe-beta para a briga. Os treinos que eu promovia eram divertidos. Começava escolhendo dois betas machos e colocava um de frente para o outro, cada um no próprio aquário. Os bichos se armavam imediatamente e ficavam horas se encarando feito pugilistas na hora da pesagem. Quando eu sentia que já haviam se estudado o suficiente, juntava os dois no mesmo aquário e deixava o pau comer. Depois de um tempo, os separava novamente para descansarem. Repetia o procedimento mais duas ou três vezes, até achar que estavam prontos para participar das competições oficiais com Cabeça.

Cabeça, que tinha esse apelido por uma razão evidente, morava na casa atrás da nossa. Uma das nossas diversões era promover campeonatos de peixes-beta. A outra era espiar a turminha do bairro que ia bater uma pelada no terreno baldio perto de nossas casas. Cabeça e eu ficávamos escondidos, vendo a rapaziada queimar bagulho depois dos jogos. O grupo tinha um assobio característico que terminei aprendendo. Com 8 anos, eu já me vangloriava de saber fazer um assobio de maconheiro.



Todo fim de férias no engenho eu voltava para a cidade me sentindo um verdadeiro sexólogo. As descobertas que eu fazia na Lagoa Seca de Baixo eram imediatamente difundidas entre meus coleguinhas da cidade. Achava um absurdo ninguém com 8 anos saber se masturbar. Juntava, então, a gurizada e comandava a brincadeira do mesmo jeito que o Loro fazia comigo e os meninos no engenho:

– Vamo lá, cambada! Todo mundo batendo punheta! Bota pra fora e começa a esfregar assim! Isso... Muito bem! Quando ficar duro, vocês continuam assim, ó!

Eu vivia me bolinando pelos cantos de casa. Meus pés ficavam retesados de gozo seco. Por passar a maior parte do dia com Baia, logo a transformaria em um dos meus objetos de desejo. Vivia tentando entrar no quarto dela para flagrá-la trocando de roupa. Sentia um ciúme abomi-

nável de um pôster do Tony Ramos sem camisa. Olhava para a foto e só conseguia pensar nos caranguejos peludos do mangue.

Eu também tinha altos sonhos eróticos com uma professora de Matemática. Compensava minhas taras por ela e por Baia fazendo sexo com melancias, mamões, recipientes de xampu, almofadas – meu amor continuava à prova de preconceitos. Obviamente, também não deixava de estimular meu Édipo. Eu via minha mãe como uma verdadeira deusa. Ficava deslumbrado com o corpo dela quando tomávamos banho juntos. Por sorte, o corpo nunca foi motivo de frescura em casa. Embora tivesse atração por ela, eu a preservava na hora das minhas fantasias sexuais infantis. Em compensação, me masturbava em homenagem a todas as amigas dela.

Involuntariamente, eu não estava fazendo outra coisa senão trilhar os mesmos caminhos de papai: um sujeito boa-pinta, que amava as mulheres e vice-versa. Eu percebia quanto papai era atraente, sobretudo pelas empregadas lá de casa, que eram acometidas por um afrouxamento perineal toda vez que ele aparecia na cozinha. Eu ouvia os suspiros em homenagem a ele e não deixava de sentir certo orgulho em ser produto da mesma linhagem.

Papai era o típico garoto-propaganda de cigarros: magro-atlético, olhos verdes felinos, 1,78 metro de pura testosterona, sempre com um Hollywood (o original, do maço vermelho) pregado no bico. O cigarro aceso era um prolongamento natural do seu rosto. Papai acendia um no outro com a precisão de uma máquina. O maço o acompanhava até na hora de ir ao banheiro, junto com uma xícara de café.

Os carros eram sua vida, em especial os esportivos, com os quais competia em ralis amadores. As estantes de casa eram repletas de troféus. Seus Corcéis, Fuscas, Fiats 147 envenenados viviam cobertos com adesivos de patrocinadores. Quando as corridas aconteciam no Recife, nos circuitos de rua de Boa Viagem ou na pista do extinto Autódromo Joana Bezerra (que nos anos 1990 daria lugar à favela do Coque), ele sempre nos levava para vê-lo correr. Bebel e eu adorávamos a movimentação dos bastidores, quando os carros ficavam expostos ao público.

A maior parte do dinheiro que papai investia nos carros vinha da Pneumac, misto de loja e oficina de carros da qual era sócio. Ela era conhecida, o movimento era grande e no fim do mês papai tirava uma cota razoável do caixa, a ponto de nunca ter que se preocupar com nenhum tipo de

economia. Lá em casa, o dinheiro saía do mesmo jeito que entrava. Lembro muito de papai chegando em casa com maços de dinheiro no bolso, presenteando a todos com notas de 50 (efígie de Deodoro da Fonseca) e 100 (Florianos Peixoto) cruzeiros e dizendo:

– Toma, é pra você!

Também ouvia muito ele dizer frases como “Dinheiro não é problema” ou “Isso daqui sai no xixi”.

Enquanto os Deodoros e Florianos entravam sem parar, meu pai não tinha limites para a generosidade. Vivia presenteando a família e resolvendo problemas financeiros de amigos e parentes. Dependendo do ângulo de análise, meu pai podia ser classificado tanto como um burguês generoso – com aparato financeiro suficiente para prover o bem-estar das pessoas ao seu redor – quanto como um playboy de vida supérflua, inteiramente devotada a carros, velocidade e todas as saias que esvoaçassem nesse rastro.

Quando papai não estava correndo em algum campeonato, nosso principal programa de fim de semana com ele era assistir às corridas de Fórmula 1 na casa do sócio, tio Zé Augusto, casado com tia Tereza. A mesa dos adultos era a clássica da época: ovos de codorna com molho rosé, azeitonas, uísque, cerveja – e cigarros, muitos cigarros. Aquele tipo de ambiente era tudo para Carlos. E, embora eu o admirasse – admirasse talvez seja pouco: embora eu fosse alucinado por aquele sujeito bonitão, que tinha carro adesivado, troféus, mulheres suspirando por ele a cada esquina, embora eu secretamente quisesse ser um esportista como ele, querido por todos como ele graças à sua generosidade desmedida –, eu odiava aquele tipo de ambiente esfumaçado e etílico em que ele gostava de viver. Minha natureza era outra: eu gostava de acordar cedo com meu padrinho e fazer ginástica na varanda, respirar o ar puro da manhã, conquistar cada segundo do meu dia em consonância com o vento, as árvores, os bichos.

Ao mesmo tempo que me orgulhava das glórias automobilísticas e do perfil conquistador de papai, eu não fechava os olhos para toda a sua hipocrisia. Ele levava uma vida inteiramente supérflua, baseada em dinheiro e aparência, na qual prevalecia a velha máxima do “Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. Embora ele não deixasse vazar verbalmente para mim e para Bebel, eu via quanto o modo de vida de meu pai perturbava minha mãe. Por tudo isso, meu pai carregava para mim uma

figura dupla de herói e anti-herói. Ao me apresentar a tudo aquilo que eu não queria para a minha vida, meu pai, numa espécie de educação às avessas, acabou me ajudando a moldar meu entendimento sobre o caráter do ser humano.

Quando me pergunto o que meu pai me deixou de fato como legado, penso no modo de me relacionar de igual para igual com as pessoas. Nenhum ensinamento dele, no entanto, foi superior aos da minha mãe, com quem sempre tive, e tenho, uma relação profunda, feita de conversas, risos e choros. Embora tenha crescido em um ambiente familiar mergulhado no catolicismo até o pescoço, de Carlos recebi apenas os valores ligados a dinheiro e popularidade. Curiosamente, foi de Susana que me chegaram os valores mais cristãos: dividir com o outro, dar a outra face a quem bate, a felicidade – e não o dinheiro – como meta. Valores comumente reforçados por madrinha Carmelita nas temporadas no engenho.

A busca exaustiva de minha mãe por independência financeira foi outra grande lição que ela deixou para os filhos. E a que custo, Bebel e eu podemos dizer. Os empregos dela foram motivo de muitas discussões entre meus pais. Eu tinha uns 8 anos quando as brigas começaram a se tornar insuportáveis. Usando as corridas de carro como desculpa, papai desaparecia de casa sempre que o caldo engrossava. Pouco a pouco, os fins de semana fora começaram a virar semanas, às vezes um mês inteiro.

Certa vez, numa dessas sumidas, minha mãe estava andando de carro com Bebel perto do Parque da Jaqueira, Zona Norte do Recife, quando de repente tomou um susto ao avistar meu pai. Não exatamente porque ele estivesse caminhando na rua ou conversando com alguém quando supostamente estava viajando – Carlos regava as plantas do jardim de uma casa, vestido de pijama. Bebel devia ter uns 4 anos na época. Mamãe quase gaguejou ao volante:

– É... seu pai ali, Bebel?

– É papai! É papai! – gritava Bebel.

Era nosso pai regando o jardim da casa de Márcia.

A ausência dele começou a crescer em nossas vidas, a ponto de Bebel, hoje, não conseguir se lembrar de cenas do nosso dia a dia em família com os quatro em casa. Para ela, papai era um visitante esporádico. Numa das vezes em que apareceu em casa, eu me agarrei nas pernas dele para que não fosse embora novamente.

Quando ele resolvia passar uns dias em casa, Bebel e eu ficávamos apreensivos à espera da próxima discussão entre ele e mamãe. Nessas horas, eu e minha irmã costumávamos nos trancar no nosso quarto para ouvir as brigas, nos encarando confusos e de olhos arregalados de interrogação. Eu torcia para que eles se entendessem e meu pai continuasse morando com a gente, porque, para mim, o certo era meu pai e minha mãe vivendo juntos. Qualquer outra possibilidade me soava como uma tragédia. Já Bebel não pensava assim. Como eu e ela dormíamos com mamãe quando ele estava fora de casa, para ela papai era aquele que chegava para nos expulsar do quarto e roubar nossa mãe. O sentimento de Bebel fazia sentido. Sem nosso pai por perto, mamãe era uma mulher aberta para o mundo e, acima de tudo, disponível para seus dois filhos. Uma cena retrata bem como minha mãe se transformava em uma mulher mais leve sem papai por perto: quando ele estava ausente, ela costumava nos levar à praia de Boa Viagem, onde ficávamos sentados à beira d'água, brincando naquele mar inofensivo, mamãe relaxada tomando sua cervejinha. Quando Carlos estava em casa, em compensação, ela virava uma mulher tensa e sem humor, quase sempre trancada no quarto às turras com o marido.

Depois de uma dessas brigas, nosso pai saiu furioso batendo a porta de casa. Algo diferente havia ocorrido. Mamãe chamou a mim e a Bebel no quarto e anunciou calmamente que eles iriam se separar. A notícia já era esperada, mas nunca vou esquecer um dos motivos alegados para a separação:

– ... E seu pai disse também que vocês dois brigam muito e que ele não aguenta mais isso.

Aquilo foi um choque. Profundo e dolorido. A culpa pelas merdas todas que meus pais estavam vivendo de repente recaía nas minhas costas e nas de Bebel, mais especificamente nas minhas, já que eu é que vivia irritando minha irmã. Em última instância, na minha cabeça, eu havia sido o responsável pela separação dos meus pais.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Sextante, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br

